

Funaro apresenta metas a políticos

José Coury Neto
Editoria de Economia

Estimular as exportações, conter a demanda interna e ajustar os investimentos para que o crescimento da economia atinja este ano entre 3% e 4%. Estes são alguns dos pontos incluídos no plano de ajustamento econômico para os próximos quatro anos, que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, apresentará, na próxima quinta-feira, aos parlamentares do PMDB. Caso suas idéias sejam aprovadas pelos políticos, o plano servirá de base na renegociação da dívida externa após a suspensão do pagamento dos juros aos credores internacionais. A retomada da negociação da dívida se dará no dia 8 de abril, em Washington, durante a reunião dos conselhos do Fundo Monetário Nacional (FMI), da qual participará o presidente do Banco Central, Francisco Grosso.

O ministro da Fazenda vem procurando deixar claro que o plano elaborado pela sua equipe, encabeçada

pelos economistas Luiz Gonzaga Belluzzo e João Manoel Cardoso de Mello, é bastante diferente do programa econômico que vem sendo estudado pelos "pais do Cruzado", André Lara Resende e Péricio Arida. Eles, juntamente com outros economistas ligados ao Planalto, estariam desenvolvendo fórmulas voltadas para a correção de algumas distorções internas, incluindo a redução do déficit público e os efeitos da extinção dos subsídios. Um novo congelamento está descartado, ao contrário do que se falava.

O programa econômico do Ministério da Fazenda para os próximos quatro anos, além do crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) em 5%, prevê uma série de metas a serem alcançadas no sentido de garantir o pagamento da dívida externa, sem levar o país a uma recessão. Neste contexto, Funaro prega que o Brasil não pode continuar transferido um grande volume de recursos para o exterior e tendo um retorno tão pequeno para investir e pagar os juros da dívida.

Com essa estratégia, Dilson Funaro

pretende readquirir a força política perdida após a queda do ex-ministro do Planejamento, João Sayad, e as fortes pressões que sofreu nas duas últimas semanas para que deixasse o cargo. Entretanto, se o plano falhar e o governo obtiver sucesso na renegociação da dívida, não haverá mais saída o ministro nem para a economia do país, que terá novamente que bater às portas do Fundo Monetário Internacional (FMI).

De acordo com o coordenador do grupo de economia do PMDB na Câmara, deputado Irajá Rodrigues (RS), as pressões sobre Funaro são fruto de uma conspiração dos principais credores internacionais e devem ser encaradas com naturalidade, porque a posição do "negociador da dívida" está incomodando.

Dentro do raciocínio do deputado, a substituição de Funaro seria o primeiro passo para que os credores voltassem ao domínio da economia brasileira. O segundo passo seria a intenção de escolher o substituto do ministro e, por fim, "eles partiriam até para a escolha do próprio presidente da República", acrescenta.